

Aethelings & Liudolfings: Uma análise das relações entre a Inglaterra anglo-saxônica e a Germânia otônida

Dr. Vinicius Cesar Dreger de Araujo
Centro Educacional Anhanguera - Pós-graduação (Santo André e Osasco)
viniciusdreger@hotmail.com

Resumo:

Entre as décadas de 920 e 940 o personagem principal na política europeia foi o rei anglo-saxão Æthelstan que, através de uma extensa rede de alianças matrimoniais, foi capaz de estender sua influência até a Germânia Otônida. Contudo, nas décadas de 950 a 970, o panorama foi novamente modificado, desta vez em favor de Otto I.

Nosso principal objetivo está na análise das políticas matrimoniais de ambas as linhagens e em como elas acabaram por entrelaçar-se.

Palavras-chave: Inglaterra Anglo-saxônica, Germânia Otônida, Política Matrimonial.

Abstract:

Between the 920's and 940's the main actor in European politics was the Anglo-Saxon king Aethelstan, through an extensive network of marriage alliances it was able to extend its influence to the Ottonian Germany. However, between the 950's and 970's, the political landscape changed again, this time in favor of Otto I.

Our main goal is to analyze the matrimonial policies of both lineages and how they eventually intertwine.

Keywords: Anglo-Saxon England, Ottonian Germany, Matrimonial Policy.

Introdução:

Em um brilhante *insight* Karl Leyser notou que, no século X, a Inglaterra anglo-saxônica “apresentava mais similaridades com o *Reich* do que em qualquer outro período de suas respectivas histórias” (1994:73). Cada um dos reinos possuía uma região predominante que fornecia os monarcas – Wessex e Saxônia, respectivamente. Eram governados por dinastias régias que produziram monarcas expansionistas e bem-sucedidos, assim como outros, a exemplo de Æthelred e Otto III, cujos graus de relativo sucesso ou fracasso dependem do ponto de vista da posteridade.

Tanto a dinastia anglo-saxônica de Wessex quanto a dinastia saxônica dos Liudolfings (ou Otônidas) buscaram ativamente associarem-se às imagens de caráter imperial (e de caráter crístico como Dushman esclareceu em 1976). Elas trocaram entre si manuscritos, relíquias e pessoal, sendo que o apogeu destas trocas se deu com o matrimônio firmado em 929 entre o futuro Otto I e Eadgyth (Edith), meio irmã de Æthelstan (WARNER in: LEYSER, ROLLASON & WILLIAMS, 2010: 276)

Objetivamos neste artigo analisar os contextos e as estratégias matrimoniais que envolveram a dinastia anglo-saxônica de Wessex e a dinastia saxônica dos Liudolfings/Otônidas em um complexo jogo de alianças continentais durante o século X, particularmente questionando os motivos que as impeliram a buscar uniões externas às suas fronteiras. Analisaremos também a valorização dos Æthelings durante o assim chamado período Alfrediano e a ascensão dos Liudolfings a partir de Otto I.

1. A conexão Carolíngia de Wessex.

O “longo século IX” (768 - 911) foi politicamente demarcado pelo predomínio da linhagem Carolíngia sobre a Europa centro-ocidental. Carlos Magno e seus sucessores imediatos se converteram em modelos de poder e autoridade, a ponto de que a conexão sanguínea ou mesmo a percepção de que pudesse haver alguma medida de relação entre um governante e os Carolíngios era vista como um poderoso elemento de legitimação para as novas estirpes monárquicas que despontaram na Europa continental entre 888 e as primeiras décadas do século X. Não apenas para as casas reinantes, mas também para as cada vez mais poderosas linhagens regionais na *Francia Occidentalis* (a partir deste momento, a denominaremos como França; em contraponto, denominaremos a *Francia Orientalis* como Alemanha).

Uma das causas do colapso carolíngio fora da França foi justamente a incapacidade da linhagem em gerar herdeiros viáveis nas quantidades necessárias para administrar os verdadeiros sub-reinos que subsistiam na estrutura dos reinos, como a Nêustria, a Borgonha, a Provença, a Bavária e a Saxônia, por exemplo (GOLDBERG, 2006: 275).

Não por acaso, justamente as linhagens locais, que de alguma maneira haviam conseguido se associar aos Carolíngios, se tornaram governantes de seus territórios, fosse na qualidade de duques (como nas regiões germânicas) ou de reis (como Ramnulf na Aquitânia, Berengar na Itália, Luís na Provença e Rudolf da linhagem dos

Welf na Borgonha). A escassez do "carisma" Carolíngio transmitido pelo sangue promoveu o "carisma" por associação destas famílias. Contudo, isto ainda era insuficiente para legitimar a atuação das principais linhagens continentais nas primeiras décadas do século X. Era necessário encontrar outra dinastia que trouxesse em si os elementos comumente associados ao sucesso carolíngio e, neste momento, esta linhagem era a dos Æthelings de Wessex que, como veremos, adquiriram esta aura "carolíngia" devido a uma série de elementos relacionados às políticas do dito período Alfrediano.

A herança carolíngia de Æthelstan tem suas origens em meados do século IX (856), devido ao segundo matrimônio de seu bisavô Æthelwulf com Judith, filha de Carlos o Calvo. Judith foi ungida e coroada como rainha (possivelmente por Hincmar em Reims), prática incomum em Wessex, mas, ao que tudo indica, exigida por Carlos. Ao retornar a Wessex, Æthelwulf enfrentou uma conspiração liderada por seu filho Æthelbald que temia perder o trono para um filho "nascido na púrpura" (como as sucessões não eram necessariamente reguladas pela primogenitura, considerava-se que havia um valor inerentemente maior nos filhos nascidos durante a tenência de seu pai no trono do que naqueles que nascidos antes).

A crise foi solucionada com uma divisão de poder entre pai e filho. Judith, por sua vez, foi mais do que um símbolo da autoridade e carisma carolíngios transplantados para Wessex: além de ter recebido considerável dote em terras, ela firmava com o rei os diplomas deste e sentava-se no trono a seu lado, efetivamente reinando. A conexão carolíngia se tornou tão valorizada que, quando do falecimento de Æthelwulf, Æthelbald, contra a opinião do clero, imediatamente casou-se com sua madrasta para não romper a ligação com os carolíngios.

Por outro lado, em relação ao jovem Alfred, seu tempo passado na corte da França, a convivência com Judith e a remodelação da corte de Wessex em moldes carolíngios tiveram considerável influência em seu estilo régio. A importância da cultura, os paralelos deliberadamente construídos em sua biografia (escrita por Asser) com as biografias de Carlos Magno e Luís o Pio (incluindo a associação da "consagração" de Alfred quando menino em Roma – e sua repetição com Æthelstan pelo próprio Alfred – com a do infante Carlos Magno) e a culminação alcançada com o casamento de sua filha Ælfthryth com Balduino de Flandres (filho do terceiro casamento de Judith) refletem o valor dado em Wessex à influência carolíngia no período.

Assim, "*o solo da associação carolíngia já era rico e fértil no momento da ascensão de Æthelstan ao trono*" (ORTENBERG in: LEYSER, ROLLASON & WILLIAMS, 2010: 211). E este monarca se dedicou a uma série de iniciativas de caráter "carolíngio": seu reconhecido amor pelo saber inspirou-o a constituir uma corte letrada como a de seu avô (que, por sua vez, havia sido diretamente influenciado pelo modelo da corte de Carlos o Calvo), sua unção e coroação (que lhe ajudou em termos legitimários, já que, assim como Carlos Magno, Æthelstan nasceu antes da ascensão de seu pai ao trono, perdendo prestígio frente a seus meio-irmãos "porfirogênitos"), a convocação de concílios, a constituição de considerável obra legislativa, a consolidação das estruturas administrativas dos *shires* e *sheriffs* e a

reforma da cunhagem, além do estrito controle sobre os centros de produção monetária.

Evidentemente, caso seu reinado não tivesse sido considerado forte, de nada teria adiantado a construção destes paralelos e associações. Como se sabe, os reinados de Alfred, Edward o Velho e Æthelstan foram essenciais para a unificação das entidades políticas anglo-saxônicas e anglo-escandinavas existentes na ilha, concluindo justamente no reinado deste último monarca. As vitórias militares acumuladas dos três reis, culminando com a vitória em Brunanburh (contra a aliança entre os nórdicos de Dublin, os escoceses e o reino de Strathclyde) em 937 levaram à hegemonia político-militar de Wessex sobre a ilha, num momento em que a maioria dos monarcas estabelecidos no continente enfrentavam convulsões políticas causadas por revoltas intestinas e derrotas militares. A percepção destas conexões é tão poderosa que Michael Wood apelidou Æthelstan como o “Carlos Magno inglês”¹.

2. A política matrimonial de Edward e Æthelstan:

Este “Carlos Magno” insular herdou um considerável fardo familiar, já que seu pai, Edward o Velho (899-924), foi demasiadamente prolífico em seus três casamentos, tendo nada menos do que oito filhas (além de, provavelmente, cinco filhos), que consubstanciavam enorme capital político, assim como grande perigo:

“Princesas reais possuíam mais valor do que suas contrapartes nobres, já que elas podiam transmitir o sangue régio à sua descendência e assim conceder-lhes direitos potenciais ao trono. Tanto Edward quanto Æthelstan foram sensíveis aos perigos da competição dinástica e da necessidade de restringir o número de possíveis herdeiros ao patrimônio da linhagem no futuro”. (FOOT, 2011: 44)

Com estas questões em mente, Edward adotou como soluções para o problema, duas das três possíveis na época: o enclausuramento e os casamentos além das fronteiras de seu reino, evitando o acirramento da competitividade entre as linhagens nobres locais. Três filhas (Eadfred, Æthelhild e Eadburh) foram destinadas ao claustro (as duas primeiras, provavelmente, em Wilton e a terceira em Nunnaminster em Winchester). Sua entrada na vida religiosa não tornava estas princesas menos relevantes para a política dinástica da família do que as alianças matrimoniais: suas preces rogatórias contribuía tão efetivamente para a futura segurança e prosperidade da linhagem quanto o casamento e os partos de suas irmãs no laicado (FOOT, 2011: 45).

Contudo, Edward ainda tinha que prover por mais cinco filhas e adotou a já mencionada política de matrimônios externos aos domínios de Wessex, levada a seu apogeu por Æthelstan. A única união concertada diretamente por Edward foi a de Eadgifu com o rei carolíngio da França, Carlos, o Simples, entre 917 e 919.

¹ WOOD, M. ‘The Making of King Æthelstan’s Empire: an English Charlemagne?’, in *Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society*, ed. P. Wormald et al. (Oxford, 1983), 250–72

Os interesses de Wessex nesta união com certeza perpassavam a ampliação das já mencionadas conexões carolíngias, mas também a questão muito prática de auxiliar a cooperação e coordenação de esforços para conter as incursões escandinavas, já que, quando estas eram repelidas por um dos dois reinos, costumavam atacar o outro, percebido como mais fraco no momento.

Por outro lado, o crescente prestígio dos Æthelings (a partir de Alfred) e o fato de que eram considerados a linhagem reinante mais antiga na Europa, agiriam como um tônico, revigorando o combalido prestígio carolíngio, tornando atraente a união com Wessex e ampliando os parentescos anteriores. Outro fator importante era a limitada oferta de noivas adequadas à união com o monarca de França: a linhagem régia da Germânia era recente demais (e, no momento, insuficientemente poderosa) e as grandes linhagens ocidentais adequadas ao sangue Carolíngio traziam consigo a desvantagem de serem justamente aquelas que Carlos tentava conter; uma união com qualquer uma delas traria considerável vantagem sobre as outras, resultado que Carlos a todo custo procurava evitar.

Assim, sua melhor opção se encontrava na união com uma linhagem estrangeira antiga, respeitada e poderosa:

A união com Wessex traria glória refletida sobre Carlos, seria entendida, mesmo pelos magnatas francos, como superior a qualquer de suas linhagens e não permitiria o acesso destas ao sangue Carolíngio. (ORTENBERG in: LEYSER, ROLLASON & WILLIAMS, 2010: 218)

Com esta união, Æthelstan que já era ligado aos Carolíngios através de seu primo Arnulfo, conde de Flandres (filho de Ælftryth), se tornou ainda mais interligado à rede de parentesco carolíngio. Agora era cunhado de Carlos e tio (além de padrinho) de seu herdeiro, o futuro Luís IV. Contudo, Carlos foi deposto por Roberto da Nêustria em 922 e aprisionado em 923 (de onde não viria a sair). Sua esposa e filho se refugiaram em Wessex, na corte de Æthelstan.

Alguns anos depois, Æthelstan concertou a união, em segundas núpcias, de Eadgifu com outro poderoso magnata de França, Heribert de Vermandois, assim tornado de rival dos Carolíngios a padrasto e co-protetor de Luís IV, juntamente com o próprio Æthelstan, Hugo da Nêustria (auto-intitulado *dux Francorum*) e Luís da Borgonha (irmão caçula do rei Rodolfo da Borgonha), estabilizando o reino franco e comprometendo seus principais príncipes com a causa de Luís IV.

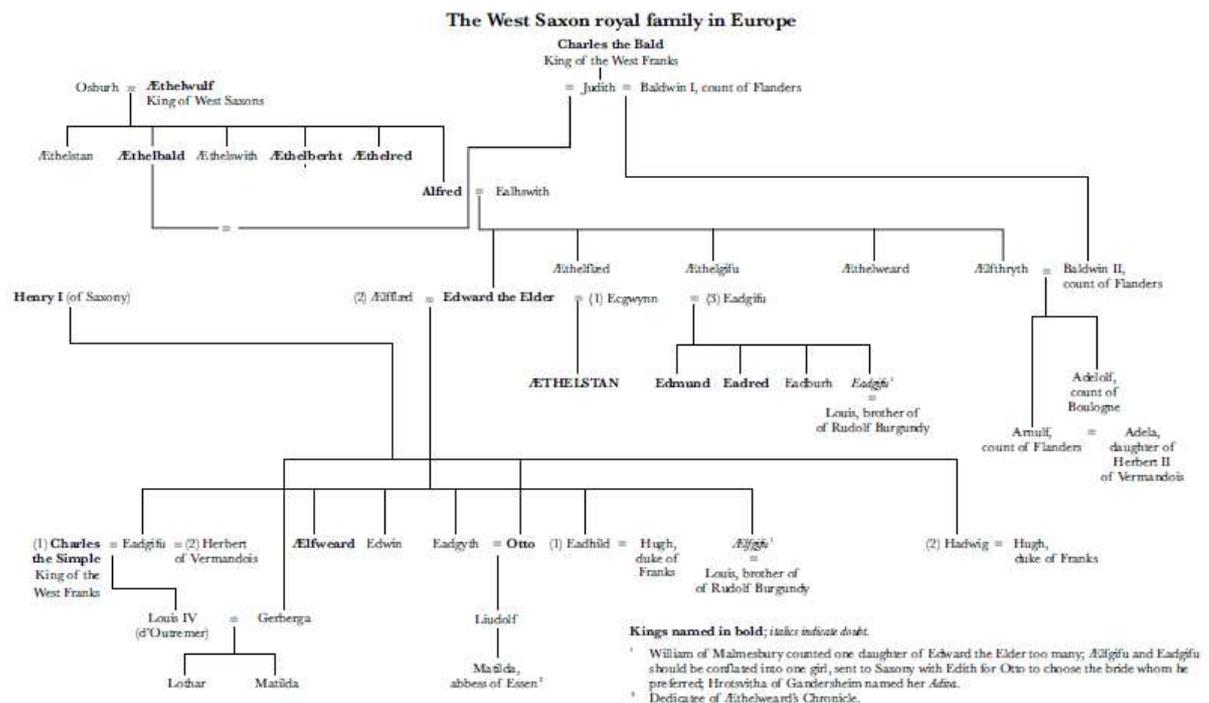
Segundo Flodoard de Reims, em 926 Hugo da Nêustria renovou suas pretensões régias ao contrair matrimônio com uma outra meio-irmã de Æthelstan, Eadhild, ao mesmo tempo em que buscava apaziguar aos Carolíngios, já que era a linhagem de Wessex que protegia a pessoa e os direitos do herdeiro do trono de França.

No mesmo ano Æthelstan selou outra aliança matrimonial, desta feita com Sithric de York, rei anglo-escandinavo da Northumbria e sua única irmã plena, cujo nome suspeita-se que tenha sido Eadgyth. Esta foi uma união de curta duração, já que

Sithric veio a falecer sem descendência em 927. Contudo, teve considerável ressonância, posto que permitiu aos aristocratas anglo-escandinavos que assimilassem a ideia de uma união com Wessex, levada a cabo Æthelstan após a morte de Sithric; devido à anexação da Northumbria Æthelstan pôde denominar-se “Rei dos Ingleses e governante de toda a Bretanha”. Quanto a Eadgyth, suspeita-se que após seu retorno a Wessex, ter-se-ia juntado às meio-irmãs em algum dos conventos ligados à casa real.

Em 929 Æthelstan concluiu a série de matrimônios estratégicos ao enviar suas duas últimas meio-irmãs Edith e Edgiva para a Germânia, onde a primeira casou-se com Otto da Saxônia, herdeiro designado do rei Henrique I. Trataremos posteriormente com mais detalhes esta união. No momento, foquemos na união de Edgiva.

Durante muito tempo se debateu acerca da identidade do marido desta princesa, mas, ao que tudo indica, o consenso historiográfico (Eduard Hlawitschka, Karl Leyser, Simon MacLean e Sarah Foot, ver FOOT, 2011: 51) parece ter se decidido por Luís, irmão caçula do rei Rodolfo II da Borgonha (ramo da casa dos Welf).



Quadro 1: As conexões continentais da linhagem dos Æthelings (FOOT, 2011: XVI)

3. A união com os Liudolfings da Saxônia:

Entre os Anglo-saxões e os Velhos Saxões havia um sentimento muito vivo de ascendência comum, que pode ser encontrado, por exemplo, em uma das cartas de São Bonifácio, datada de 738, endereçada a seus conterrâneos, pedindo-lhes para orarem pela conversão de seus irmãos continentais. “Tenham-lhes piedade” ele escreveu, “porque, como eles mesmos estão acostumados a dizer, *somos da mesma carne e sangue*”. Um tom similar impregna a carta que o Earldorman Æthelweard enviou à sua parenta Mathilda, filha de Liudolf da Suábia² e abadessa de Essen (+1011). Nesta missiva, escrita por volta de 980, Æthelweard não apenas recorda sua prima a respeito de sua ancestralidade comum advinda do rei Æthelwulf (pai do Rei Alfred), como também a recorda de sua *commune genus* e a migração dos Anglo-saxões a partir do Continente”. (LEYSER, 1994: 74)

Além das assim percebidas conexões étnicas, diversos outros laços uniam *Anglisaxones* e *Antiqui Saxones* (conforme a denominação adotada por Beda), como por exemplo, o florescente comércio e a troca de eruditos entre os séculos VIII e X (a princípio, da Bretanha para o continente, como no caso de Alcuíno e depois do continente para a Bretanha, como nos casos de João o Velho Saxão na corte de Alfred – provável tutor de Æthelstan - e de Israel de Trier³ na corte de Æthelstan – futuro tutor do arcebispo Bruno de Colônia, irmão caçula de Otto I, entre outros).

De magnitude política e estratégica ainda maior foi a aliança com a casa reinante da Germânia, os Liudolfings da Saxônia. Esta relevância encontra reflexo na considerável quantidade de obras historiográficas medievais importantes que a tem como um de seus tópicos. Entre as obras de origem inglesa estão a própria *Anglo-Saxon Chronicle*, a crônica de Æthelweard e o repositório de informações de crônicas hoje perdidas, mas utilizadas na composição da *Gesta Regum* de William de Malmesbury no século XII. Dentre as obras e autores germânicos, se destacam Widukind de Corvey (*Res gestae Saxonicae*), Hroswitha de Gandersheim (*Gesta Ottonis*), Liutprand de Cremona (*Antapodosis*), Thietmar de Merseburg (*Chronicon*), o anônimo Analista de Quedlinburg e Adalbert, o continuador de Regino de Prüm

A união entre Edith e Otto, filho do rei Henrique I (em 929 ou 930) conferiu benefícios substanciais para ambos os lados. Para Æthelstan isso oferecia os meios para realizar uma ampla aliança entre os principais governantes legítimos da antiga Europa Carolíngia no período entre a morte de Carlos, O Simples, e a ascensão de

² Por sua vez, filho de Edith e Otto I.

³ Um caso interessante. Ao que tudo indica, era de origem irlandesa (*Scotigena*), mas foi educado no continente, seguramente ligado ao mosteiro de Saint-Maximin em Trier (que contava no período com muitos monges irlandeses envolvidos com o movimento reformista emanado de Gorze), na década de 930 esteve na corte de Æthelstan e depois retornou ao continente (WOOD in: LEYSER, ROLLASON & WILLIAMS, 2010: 135-162).

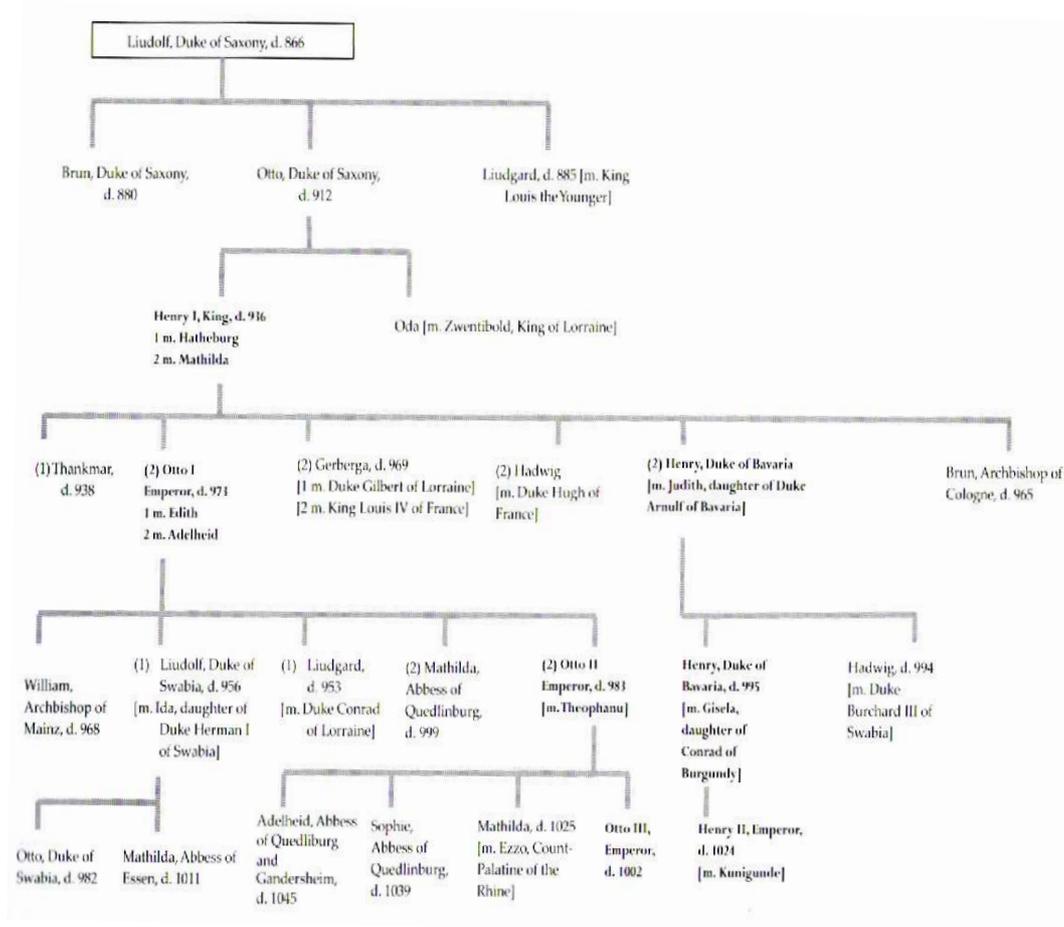
Luís IV. Por outro lado, uma aliança prestigiosa também auxiliava a firmar o *status* régio de Henrique I.

O matrimônio foi realizado pouco tempo depois de uma grande vitória militar saxônia sobre os eslavos no verão de 929 em Lenzen (BACHRACH, 2012: 32-33), mais ou menos na mesma época em que Henrique concedeu a Otto poderes régios e a nomeação sucessória oficial (provavelmente como condição para a realização do casamento). Segundo Æthelweard, em sua já mencionada missiva a Matilda de Essen, Æthelstan enviou suas duas irmãs à Saxônia para que Otto escolhesse aquela que melhor lhe aprouvesse, tendo este selecionado Edith.

Hrostwitha de Gandersheim, em sua *Gesta Ottonis*, elaborou melhor a questão das duas princesas de Wessex: ela faz questão de assegurar à sua audiência germânica a nobreza da linhagem da esposa de Otto, contrapondo o seu nascimento régio com as dúvidas que cercavam as origens da mãe de seu meio-irmão, o rei Æthelstan. Ela destaca que o nascimento de Edith a partir “da alta qualidade da semente de grandes reis” garantiu-lhe eminentes virtudes, justificadas por uma (fictícia) descendência do rei nortumbriano St. Oswald. Ainda de acordo com Hrostwitha, Henrique I teria enviado embaixadores a Æthelstan e este, após aprovar a futura união, reuniu ricos presentes e uma comitiva adequada (liderada pelo bispo Ceonwald de Worcester) para enviar a princesa à Germânia, sendo esta acompanhada por “Adiva” (Edgiva), sua última irmã, depois casada (provavelmente através da intermediação do bispo Ceonwald) com o já mencionado Luís da Borgonha (HROSTWITHA in: HILL JR, 1972: 122-123).

Edith foi considerada como a esposa perfeita para um príncipe Liudolfing, sendo bela, encantadora, de régio porte e estimada em seu país, ou seja, perfeitamente adequada como reforço legitimário a uma casa real jovem, com raízes femininas “inadequadas” à realeza. A rainha Matilda, mãe de Otto, possuía raízes saxônias (Widukind de Corvey chega mesmo a ligá-la à linhagem de seu homônimo, Widukind, o líder dos vestfálios na luta contra Carlos Magno) e, mesmo que *a posteriori* lhe tenha sido concedido o manto da santidade, sua presença não era suficientemente régia para colaborar com a legitimidade do poder atingido pela linhagem.

Contudo, sua santa reputação somada à da própria Edith e a de Adelaide (a segunda esposa de Otto I), em muito contribuíram para o aumento da reputação da dinastia, como muito bem estudado por Patrick Corbet em sua obra *Les Saints Ottoniens: Sainteté dynastique, sainteté royale et sainteté féminine autour de l'an Mil* (1986).



Quadro 2: A genealogia Otônida (GARRISON, 2012: 05)

4. O eclipse dos Æthelings e a ascensão dos Liudolfings

A morte de Æthelstan em 937 marcou o início do fim do prestígio que a Inglaterra anglo-saxônica havia desfrutado no continente, já que a partir de então seus monarcas não mais tiveram a capacidade de projeção de poder anteriormente desfrutada e isso, obviamente, trouxe reflexos para a rede de alianças continentais.

Esta teia de parentescos, construída por Æthelstan entrou em declínio acentuado após os falecimentos de Eadhild e Edith. A primeira, que havia sido casada com Hugo da Nêustria, *dux Francorum*, foi substituída por Hadwig, irmã caçula de Otto I. Em contrapartida a esta aproximação entre os Robertinos e os Liudolfings, Luís IV casou-se com Gerberga, também irmã de Otto I.

Após a morte de Edith (em 946), Otto contraiu matrimônio com Adelaide, viúva de Lotário da Itália e irmã de seu protegido político, o rei Conrado I da Borgonha (por sua vez ambos sobrinhos de Edgiva). Completando a substituição das alianças anglo-saxônicas pelas alianças saxônicas, o próprio Conrado I uniu-se a Matilda, filha de Luís IV e Gerberga.

É interessante lembrarmos que estas mudanças obviamente afetaram a questão sucessória na Germânia, já que com as segundas núpcias de Otto I, Liudolf, seu filho

primogênito da união com Edith, foi eliminado da linha sucessória após o nascimento do futuro Otto II. Liudolf e seu cunhado, Conrado, o Vermelho (duque da Lorena, esposo de Liutgard e pais da abadessa Matilda de Essen), ao se verem espoliados do trono e de sua proximidade com o poder, rebelaram-se contra Otto e atuaram em conluio com incursores magiares. O resultado desta união foi a magnífica vitória do monarca contra os invasores na batalha de Lechfeld que, em última instância, lhe garantiu a aclamação imperial (segundo Widukind de Corvey, RGS III.45).

Assim, na década de 960 o alinhamento de poder na Europa centro-ocidental se transformou, transferindo o carisma que havia pertencido aos Æthelings para os Liudolfings, já que seu poder crescente e sucesso militar (as esmagadoras vitórias de Lechfeld sobre os Magiares e Recknitz sobre os Eslavos, em 955, além da conquista da Itália no início da década seguinte) retroalimentavam-se e culminaram na nova restauração do título imperial no Ocidente em 962, fazendo com que Otto fosse visto como o novo sucessor de Carlos Magno, inaugurando uma era de prestígio e autoridade dos monarcas imperiais germânicos que se estendeu até o falecimento de Frederico II de Hohenstaufen em 1250.

5. Reflexões finais:

“Edward e Æthelstan se engajaram nestas alianças matrimoniais com a intenção de adquirir influência no palco europeu ou esta foi uma consequência inesperada destas ligações?” (FOOT, in: LEYSER, ROLLASON & WILLIAMS, 2010: 251).

Com esta questão Sarah Foot chega ao âmago da discussão acerca dos motivos dos monarcas anglo-saxões para a constituição destas alianças. Considerando a ativa busca de conexões carolíngias já na segunda metade do século IX (os dois casamentos de Judith, com Æthelwulf e Æthelbald e o casamento de Ælfthryth com Arnulf de Flandres), nos parece inegável o interesse dos Æthelings em ampliar as suas conexões no Continente.

O carisma associado ao sangue Carolíngio era irresistivelmente atraente. Associar-se ao espectro de Carlos Magno em parentesco ou pela emulação de seus feitos era mergulhar nas raízes da legitimidade do monarca mais bem-sucedido do período. Æthelstan obteve sucesso nas duas formas: seus sucessos militares e sua política cultural (profundamente influenciada pela de seu avô, Alfred o Grande) lhe garantiram a associação com Carlos Magno.

Já a ligação por parentesco foi reforçada com a união entre Carlos o Simples e Eadgifu e este matrimônio abriu uma janela de oportunidade para várias linhagens continentais que não tinham acesso a uniões com descendentes carolíngios, já que os Æthelings possuíam considerável estoque de capital político na forma de suas muitas princesas. A partir deste momento, acaba sendo pouco relevante a questão da extensão da rede de alianças e influências, sendo que esta se tornou uma consequência (cremos sim que inesperada) do objetivo principal, que era obter o aprofundamento da aliança Carolíngia.

Um forte indício nesta direção foram os pedidos feitos por Arnulf de Flandres (em nome de Hugo da Nêustria) e Henrique I da Germânia (em nome de seu filho Otto), ocorridos justamente em reação à união de Carlos e Eadgifu, sendo que o pedido de Hugo possui tons de busca por uma paridade contra seu rival enquanto que o pedido de Otto faz mais sentido quando ligado à busca por um sólido apoio para legitimar uma dinastia nova, desconectada do carisma Carolíngio.

Já a união entre Edgiva e Luís da Borgonha foi quase fortuita, tal como se fosse um matrimônio de ocasião, mas este casamento possibilitou o “arredondamento” da rede de alianças entre Wessex e os reinos sucessores do Império Carolíngio.

Em termos domésticos, estas uniões impediram que as principais linhagens de *earldormen* tivessem a oportunidade de adquirir mais poder através da associação com a dinastia real. Aliadas à própria decisão de Æthelstan em não se casar, permitiram transições de poder indisputadas para seus dois meio-irmãos (que foram seus sucessores imediatos) Edmund e Eadred.

Com estas uniões dinásticas, por volta de 930 Æthelstan havia se tornado, indubitavelmente, a referência de poder e autoridade legítimas na Europa Ocidental, tendo unido à sua dinastia as principais linhagens do antigo Império Franco, na França, em Flandres, na Borgonha e na Germânia. Além disso, com uma bem aplicada política de relações de parentesco artificial através do apadrinhamento espiritual, Æthelstan ampliou ainda mais a sua rede de influência: não apenas o seu sobrinho Luís IV, mas também Alain (herdeiro do ducado da Bretanha armoricana) e Haakon (herdeiro de Harald da Noruega) foram seus afilhados e educados em sua corte, sob sua tutela.

Na prática, as boas relações entre Eadgifu, Eadhild, Edith e Edgiva agiram como uma espécie de elemento estabilizador nas relações entre os potentados francos e nas relações destes com nova realeza germânica. Esta rede sem dúvidas contribuiu para a ascensão efetiva de Luís IV ao trono de França através da pacificação das relações entre Luís, Heribert de Vermandois (seu padrasto) e Hugo da Nêustria, assim como ajudou a preservar a existência do reino borgonhês quando da minoridade de Conrado I, durante a qual este foi tutelado na corte germânica por Otto e Edith (de forma semelhante à prática de Æthelstan com seus afilhados).

Ao retomarmos as razões dos Liudolfings para concertar a união entre Otto e Edith, devemos considerar que além da já analisada questão do endosso legítimo de um matrimônio prestigioso, também se encontra um elemento notado por Karl Leyser (1994: 77), o da quebra da tradição matrimonial Carolíngia já que, entre a segunda esposa de Carlos Magno (Hildegard de Vinzgouw, mãe de Luís o Pio) e a segunda de Henrique I (a já mencionada Matilda de Ringelheim) todas provinham de nobres famílias nativas. Evidentemente este arranjo causava a inevitável ascensão da família da rainha consorte e isto normalmente levava a situações potencialmente conflituosas.

Esta política de selecionar futuras esposas fora do circuito de linhagens internas ao reino, iniciada pela união entre Otto e Edith permaneceu como uma espécie de norma implícita na monarquia imperial germânica, excetuando-se nos casos de ascensões inesperadas ou tardias ao trono (como nos casos de Henrique II e Conrado II).

Em suma, pode-se concluir que, intencionais ou não, as políticas dinásticas de Æthelstan e Henrique I, de acordo com seus objetivos, foram extremamente bem-sucedidas, colaborando em muito para a ascensão do prestígio de ambas as linhagens no correr do século X.

6. Epílogo: o retorno de Edith

À guisa de epílogo, gostaríamos de destacar que Edith continua a ter relevante importância para a compreensão da História Medieval inglesa: em 2010, restos mortais tradicionalmente atribuídos a ela, preservados em um esquife de chumbo dentro de um sarcófago na catedral de Magdeburg foram positivamente identificados como de alguém nativo das terras calcáreas de Wessex, através do exame de isótopos de oxigênio e estrôncio mineralizados na arcada dentária.

Como os testes foram realizados em Bristol, poder-se-ia dizer que, ao menos em parte, Edith retornou à sua terra natal. Ademais, como a Reforma Anglicana destruiu muitos estabelecimentos eclesiásticos que abrigavam tumbas régias (como no caso dos restos de Alfred o Grande, hoje perdidos) ou adotou uma política de “vala comum” (como no caso dos restos de muitos dos Æthelings na Catedral de Winchester, sob ordem de Thomas Cromwell), os restos mortais de Edith compõem os mais antigos (e menos incompletos) da realeza inglesa.



Figura 1: Edith e Otto I conforme representados na Catedral de Magdeburg⁴, por volta de 1250.

⁴ <http://en.wikipedia.org/wiki/File:HerscherpaarMagdeburgCathedral.jpg>
<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>

Referências Bibliográficas:

BACHRACH, David S. *Warfare in Tenth-Century Germany*, Woodbridge: Boydell, 2012.

BAGGE, Sverre. *Kings, politics, and the right order of the world in German historiography c. 950-1150*, Leiden: Brill, 2002.

CORBET, Patrick. *Les Saints Ottoniens: Sainteté dynastique, sainteté royale et sainteté féminine autour de l'an Mil*, Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1986.

DESHMAN, Robert. "Christus rex et magi reges: Kingship and Christology in Ottonian and Anglo-Saxon Art", *Frühmittelalterliche Studien*, X, 1976, 367-405.

FOOT, Sarah. *Æthelstan - The First King of England*, New Haven: Yale UP, 2011.

GARRISON, Eliza. *Ottonian Imperial Art and Portraiture: The Artistic Patronage of Otto III and Henry II*, Aldershot: Ashgate, 2012.

HILL JR, Boyd H. *Medieval Monarchy in Action – The German Empire from Henry I to Henry IV*, Londres: George Allen & Unwin, 1972.

KENNEDY, Maev. "Remains of Alfred the Great's granddaughter returned", *The Guardian*, 20/01/2010, <http://www.guardian.co.uk/science/2010/jan/20/alfred-great-granddaughter-remains-wessex>, consultado em 20/11/2012.

LEYSER, Conrad, ROLLASON, D. & WILLIAMS H. (ed.) *England and the Continent in the Tenth Century - Studies in Honour of Wilhelm Levison (1876-1947)*, Turnhout: Brepols, 2010. Destacando-se os seguintes artigos:

FOOT, Sarah. "Dynastic Strategies: The West Saxon Royal Family in Europe", pp. 237-254.

ORTENBERG, Veronica. "The King from Overseas: Why Did Æthelstan Matter in Tenth-Century Continental Affairs?", pp. 211-236.

WARNER, David A. "Comparative Approaches to Anglo-Saxon and Ottonian Coronations", pp.275-292.

WOOD, Michael. "A Carolingian Scholar in the Court of King Æthelstan", pp. 135-162.

LEYSER, Karl. *Rule and Conflict in an Early Medieval Society - Ottonian Saxony*, Londres: Benjamin Arnold, 1979.

LEYSER, Karl. "The Ottonians and Wessex", in: *Communications and Power in Medieval Europe - The Carolingian and Ottonian Centuries*, Londres: Hambledon Press, 1994. pp. 73-104.

REUTER, Timothy. *Germany in Early Middle Ages c. 800-1056*, Londres: Longman, 1991.

REUTER, Timothy. "The Making of England and Germany 850-1050: points of comparison and difference", in: *Medieval Politics and Modern Mentalities*, Cambridge: CUP, 2006, pp. 284-299.

REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History, Volume 3: c. 900-1024*, Cambridge: CUP, 1999. Destacando-se os seguintes artigos:

MÜLLER-MERTENS, Eckhard. "The Ottonians as Kings and Emperors", pp. 233-266.

KEYNES, Simon. "England c. 900-1016", pp. 456-486.

STORY, Joanna. *Carolingian Connections - Anglo-saxon England and Carolingian Francia, c. 750-870*, Aldershot: Ashgate, 2003.

STANTON, Frank M. *Anglo-saxon England*, Oxford: OUP, 2001.

VAN HOUTS, Elizabeth. "Women and the writing of History in the Early Middle Ages: the case of abbess Mathilda of Essen and Æthelweard", in: *Early Medieval Europe*, vol. 1 (1), 1992, pp. 53-68.

WARNER, David A. *Ottonian Germany: The Chronicon of Thietmar of Merseburg*, Manchester: Manchester UP, 2001.

YORKE, Barbara. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-saxon England*, Londres: Routledge, 2003.